



Ministério

Adventista

Março-Abril de 197

Conhecer o Salvador

O ALVO da vida de famoso pintor era reproduzir na tela a figura de Cristo. Trabalhou diligentemente para fixar a sua concepção de Cristo e, ao terminar a pintura, saiu do estúdio à rua, onde várias meninas estavam brincando, e levou consigo para dentro uma delas.

Pedindo-lhe que se pusesse diante da pintura, disse-lhe:

— Menina, diga-me: quem é êsse aí?

Ela olhou atentamente por um pouco de tempo, e disse:

— Parece ser um homem bom, mas eu não o conheço.

Sentou-se o artista, profundamente desapontado. “Temo que eu não conheça a Cristo,” disse êle. Abriu o Nôvo Testamento e, com oração, pôs-se a estudar a Cristo. Não demorou a que se convencesse de ser pecador e percebesse a necessidade que tinha de aceitar como seu Salvador a Jesus Cristo, o Cordeiro de Deus. Apossou-se-lhe do coração a alegria da salvação, e recomeçou o seu trabalho. Acabada que foi a segunda pintura, pediu êle à mesma menina que a contemplasse. Imediatamente ela começou a recitar o passo: “Deixai vir a Mim os meninos, e não os impeçais.” Com lágrimas de alegria, o artista exclamou: “Agradeço-Te, ó Deus, o poder eu apresentar agora a Cristo de maneira tal que uma criança O reconhece.”

Serviço de Amor

Faz algum tempo em Trongate, Inglaterra, houve uma cena tocante. Uma senhora idosa, com um xale sôbre a cabeça, aparentemente muito pobre, foi vista por um policial a apanhar do chão alguma coisa e escondê-la no avental, rapidamente. Continuou a fazer isso, dando a impressão de haver achado alguma coisa de valor, talvez perdida por outrem. O policial, nôvo na profissão, e um pouco cioso de sua autoridade, a ela se dirigiu, dizendo-lhe com certa rispidez:

— Que é que a senhora está escondendo no seu avental? Quais são as suas intenções? Abra já êsse avental, senão eu a levo prêsa!

A boa da velhinha, sorridente, abriu o avental, exibindo cacos de vidro, pregos e outros objetos pontiagudos que apanhara da rua.

— Por que está fazendo isso? perguntou-lhe o policial.

— Eu faço isso cada dia, respondeu ela, com acanhamento, porque muitas crianças descalças andam por esta zona o dia todo e podem machucar os pés.

O grande policial ruborizou-se e pondo-lhe um braço no ombro, disse:

— Deus a abençoe, minha senhora!

Quanta necessidade há de que os cristãos sintam ser seu dever o tirarem do caminho alheio as coisas pontiagudas e molestas que tanto dissabor e sofrimento diários causam!



EDITORIAL

Guardai-vos dos Maus Obreiros

Sim, é surpreendente! Mas, já nos dias de Paulo existiam os "maus obreiros," que suscitavam discórdias e militavam contra os triunfos da cruz. Por isso, com palavras cáusticas, o apóstolo exortava: "Guardai-vos dos maus obreiros." Filip. 3:2.

Há um efeito cumulativo nas palavras do autor da epístola, que se vale do recurso da reiteração: "Guardai-vos . . . guardai-vos . . . guardai-vos." Parece ser sua intenção erguer uma tríplice fortaleza para proteger os fiéis contra as investidas dos pseudoministros de Deus, conservando-os nos caminhos do evangelho.

A natureza censurável dos que perturbavam a paz na igreja é revelada nas palavras "cães," "maus obreiros" e "mutiladores." Estas expressões, embora ásperas, definem o caráter daqueles que insistiam em que os gentios neófitos deviam se submeter à rígida disciplina do legalismo judaico, além dos deveres e responsabilidades cristãos. O apóstolo conhecia à saciedade a astúcia e as maquinações daqueles "maus obreiros." Por esta razão, sem eufemismo ou circunlóquios, chamou-os de "cães." Esta era uma expressão que, entre os judeus, denotava desprezo, e, ao mesmo tempo, ilustrava a maneira solerte e ardilosa como eles, os "maus obreiros," atuavam, rosnando atrás do apóstolo, mordendo-o com sua maledicência, e investindo, exacerbados, contra os neoconversos.

"Guardai-vos da circuncisão," (Filip. 3:2) traduziu João Ferreira de Almeida. A Versão Oficial Americana (The American Standard Version) diz: "Guardai-vos dos mutiladores." A tradução castelhana de Casidoro de Reina reza: "Guardaos del cortamento." Com efeito, os "maus obreiros," em sua cegueira legalista, estavam tão fanatizados com a prática de cortar, que mutilavam completamente o legítimo significado existente no rito judaico da circuncisão. E o efeito sub-reptício desta obra, era notório no seio de muitas igrejas estabelecidas sobre o evangelho da cruz.

Os séculos transcorreram nesta inexorável sucessão de dias e noites, mas a ação dissolvente dos "maus obreiros" ainda se faz sentir no seio da igreja.

Mas, quem são eles?

São os pregadores vagos, tímidos e indecisos, que flutuam entre o gelo do liberalismo e o fogo do fanatismo. O seu ministério se caracteriza pela ausência de firmeza e determinação. Com passos incertos e vacilantes caminhavam pela estrada real e esperam que o rebanho os siga.

Os "maus obreiros" são também aqueles que alimentam o rebanho em forma displicente, sem considerar as necessidades espirituais da grei. Quando o profeta Ezequiel descreveu as características do pastor infiel, entre outras coisas, disse: "Não apascenta (alimenta) o rebanho." -Ezeq. 34:2.

Com efeito, quando o "mau obreiro" ocupa o púlpito, fá-lo animado pelo pensamento de que o sermão é apenas uma obra de arte, uma dissertação ou declamação apresentada em forma elegante, para ser aplaudida e admirada pelos fiéis congregados.

Há em cada igreja membros com uma grande variedade de idades, tendências, culturas, temperamentos, apetites e anseios; isto pressupõe a necessidade de uma grande variedade de alimentos. Os cordeirinhos devem ser alimentados. As ovelhas também requerem alimentação adequada, de acordo com a idade e natureza. O problema dos problemas consiste em como nutrir a toda esta diversidade de ovelhas e cordeiros, com uma dieta apropriada, que a todos satisfaga.

Porém o "mau obreiro" não se preocupa com este problema. Como mercenário ele ocupa o púlpito e com uma oratória ornamental, cheia de figuras literárias, busca o aplauso popular, enquanto o rebanho se debilita e definha, vítima da inanição espiritual.

Coisa alguma estimulará mais o ministro no

(Continua na pág. 19)

Um Ministério à Altura das Necessidades Humanas

E. STANLEY CHACE

Chefe do Departamento de Educação e Psicologia
do Colégio Walla Walla, Estados Unidos

Nota da Redação: O presente artigo é uma condensação de palestra apresentada no Congresso de Capelões de Hospitais, realizado em Los Angeles, Califórnia.

MAIS de uma vez tenho eu passado por humilhação em meu ministério, tanto pastoral como educacional, em virtude de minha ineficácia no trato com problemas espirituais críticos. Ao refletir sobre essas experiências cheguei à conclusão de que a maioria de tais insucessos tinha sua raiz na falta de preparo. E a falta de preparo estava por sua vez vinculada à falta de apreciação pelos recursos disponíveis e à mão. Nesta reflexão eu vi, mais de uma vez, a história da igreja em microcosmo.

Tão freqüentemente falamos sobre "a igreja" que passamos por alto um ponto de extrema importância: nós somos a igreja. Assim, quando falamos sobre problemas da igreja, falamos de nossos próprios problemas. A medida de nosso sucesso em nosso ministério será a medida do sucesso da igreja; a medida de nosso fracasso é, por correlação, a medida do fracasso da igreja. Por falta de preparo, e por conseguinte por ineficácia, a igreja tem estado muitas vezes em posição desoladora, enquanto os homens, por sua vez, têm afundado no desespero. Tragicamente, muitos têm chegado à conclusão de que a igreja está morta como instituição espiritual, ou, se viva e lutando, totalmente fora de contato com a realidade.

Se a igreja é fraca e falha, é porque nós praticamos um ministério sem vida. A natureza humana entretanto, tem uma tenacidade tal que a leva a mudar de uma direção da qual não lhe vem socorro para outra de onde o auxílio pode vir.

É a Religião Inadequada?

Há nas Escrituras uma experiência que nos dá a essência de problemas humanos e sua solução. O Salmo 73 contém a história de um homem que embora praticante da religião formal, havia achado a religião inadequada para as per-

plexidades da vida. Contudo ele não foi precipitado em pôr de lado sua religião. Antes, buscou primeiro ajuda dos líderes espirituais de seu tempo.

Os problemas deste homem não eram diferentes dos que encontramos diariamente. Ele estava confuso pela inconsistência dos homens de seu tempo. Ficava perplexo pela visível prosperidade dos ímpios e confuso pela indiferença de seus pares pela total bancarrota da moralidade. E nesta confusão ele buscou auxílio. "Se há Deus, por que Ele permite tais coisas? Onde está Deus, no momento em que devia estar levando estas coisas a um fim? Se Deus realmente existe, por que não responde a minhas orações?"

Buscando resposta a essas indagações, como que lhe foi dito, em essência: "Sim, existe Deus, mas não é Ele essa infantil imagem de um pai que você alimentou em sua mente. Ele é um Deus grande, grande demais para estar preocupado com coisas triviais como os acontecimentos deste mundo ou com os de sua vida. Pragmáticamente, Deus está morto!"

O herói deste salmo era uma pessoa racional. Se Deus estava realmente morto — e a proposição parecia-lhe racional em vista das condições sociais de seu tempo — então era um perfeito absurdo dedicar-se mais ao que havia sido sua religião até agora. Assim, como o faria um intelectual honesto, ele alijou de si sua fé religiosa. Virou as costas à igreja e saiu a proclamar sua recém-encontrada liberdade. Ora, não percam de vista o significado deste último ponto. Ele era um homem que tinha chegado ao ponto de abandonar sua fé. Estava livre, tranqüilo, não mais sujeito a conceitos fora de moda de seus ancestrais; e agora se dispunha a levar aos outros seus novos pontos de vista.

Como é da natureza de quase tôdas narrativas bíblicas, os pormenores não contam. Neste caso não nos é dada a explicação de como ou por que as coisas tomaram o rumo que tomaram; mas o relato bíblico nos informa que antes de chegar a levar a outros sua experiência, êle encontrou a igreja.

O resto do salmo contém o louvor dêste homem pelo seu encontro com a igreja e pelo fato de não ter chegado a causar prejuízos a outros em virtude de sua temporária perda de fé no Deus vivo. Em outras palavras, êle descobriu que Deus não estava morto, ao contrário, estava bem vivo, e a diferença que a descoberta dêste fato fez em sua experiência.

Ceticismo Modela o Pensamento Humano

Vivemos hoje num século de desintegração espiritual e moral, quando o ceticismo modela o pensamento humano. Não é afirmar demais que o homem vive hoje num ambiente de crise — de muitos tipos de crises. Em geral é nos períodos críticos da vida que a consciência religiosa é despertada. Ela conduz a uma busca de respostas. E nestas indagações, como no salmo 73, as pessoas têm a oportunidade de encontrar a igreja, talvez por vosso intermédio, ou por meu intermédio. Se estivermos fora de forma em nosso ministério, o desejo humano de alívio é tal que êles buscarão ajuda em outras fontes. E sabemos que outros ministradores serão encontrados, ministradores que na verdade serão prejudiciais, por isto que podem oferecer apenas cura parcial.

Seria um insulto à inteligência pôr em dúvida a medicina psicossomática. Desde 1930 temos tido mais do que empírica evidência de que aquilo que o homem crê afeta sua saúde, tanto mental como física.

Não precisamos minimizar o grande progresso que se tem feito no tratamento de enfermidades mentais e seu relacionamento com manifestações físicas. Na busca de saúde mental, entretanto, tem sido geralmente esperado que a religião colabore com o comportamento das ciências, e nunca a êle se oponha. Assim, quase que por omissão, o clérigo se encontra substituído pelo cientista.

Enfermidades Mentais em Aumento

Um estranho e perturbador paradoxo nos confronta. A despeito de nosso crescente progresso no campo da psicologia, de nossa progressiva técnica de sofisticada psicoterapia, e da aceitação cada vez maior de ambas, enfermidades mentais estão aumentando em vez de diminuir. Devido a uma multidão de fatores, o sofrimento das pessoas não tem diminuído, mas tem agravado penosamente. Isto tem produzido con-

siderável preocupação entre os que trabalham no campo da saúde.

Ora, seria grosseira mistificação se fôssemos atribuir ao psicoterapeuta ou ao procedimento do cientista a causa em si dêse mal, embora alguns, como Fromm e Mowrer, estejam prontos a afirmar que êles não podem ser totalmente absorvidos. O fato é que êles, como nós mesmos, estão muitas vêzes tratando apenas os sintomas das enfermidades em vez de as causas.

Quando examinamos de perto a psicoterapia, descobrimos que alguns dos instrumentos mais eficazes são implementos emprestados tomados de empréstimo à igreja. Êsses processos incluem ouvir, encorajar, aconselhar, e transferir, até o ponto em que o paciente encontre segurança em poder confiar no conselheiro. A despeito do fato de que a técnica do terapeuta é muito mais multiforme que a do ministro, a cura da alma está gravitando cada vez mais fora das mãos da igreja para as mãos do psiquiatra. Por quê?

Uma das razões, possivelmente, é que os pacientes preferem causas físicas para suas dificuldades; e o psiquiatra, sendo médico, pode encontrar tal causa. Se consegue encontrar essa causa, então o paciente está livre da necessidade de enfrentar a realidade de sua vida interior. Uma causa no corpo é geralmente menos perturbadora do que uma causa no caráter.

O Prestígio Veste o Psiquiatra

Uma segunda razão é que os pacientes temem ao pastor. Eu tenho me sentido esmagado desde que deixei o ministério formal para descobrir até que ponto o leigo deixa de ter confiança no homem de Deus. Êle teme que o pastor faça um sermão, ou oração, ou julgamento moral de seu caso. Êste pode ser um dos fatores contribuintes para a popularidade do conselho não diretivo.

Outro fator pode ser o vasto prestígio da ciência médica que reveste o psiquiatra. Muitas pessoas são encorajadas em sua confiança pelos tremendos êxito da medicina moderna, e transferem essa confiança ao psiquiatra em virtude de sua identificação com a medicina. As vitórias da igreja, entretanto, são de gerações passadas.

Também pode ser que muitos, considerando o psiquiatra diferente do clérigo, crêem que êle está mais em dia com importantes descobertas sôbre a mente humana. Há um sentimento de que o clérigo tem usado todo o seu conhecimento com pouco sucesso, e que não há novos conhecimentos que êle possa utilizar e que sejam de benefício ao paciente.

À luz destas considerações, não é difícil à mente moderna chegar à conclusão: "Aqui está um nôvo ramo da Ciência. Deus, se existe, tem demonstrado que só opera mediante leis na-

turais." E não são poucos os membros do clero que abonam esta idéia.

Um fato sobremodo importante pesa grandemente contra esta solução totalmente secular. Este fato é sempre insistente verdade de que o que um homem crê determina em grande medida tanto a sua saúde física como mental. A fé religiosa, por ser básica, muitas vezes torna-se a mais importante de tôdas as crenças. Algumas autoridades estão convencidas de que uma das razões por que a psiquiatria não tem sido mais bem sucedida ainda, é sua predisposição secularista de descartar a religião como fator benéfico para fixá-la apenas como fator causal de distúrbios mentais.

Eu gostaria de explorar a mais significativa contribuição que pode ser feita à saúde mental e na qual o clérigo tem uma definida vantagem sobre o psiquiatra típico. A moderna psicologia dá muita atenção a agressão, hostilidade, rivalidade, poder a ansiedade, mas atenção apenas microscópica aos elementos de amor dos relacionamentos humanos. Temos a tendência de esquecer que êsses estados negativos, sempre presentes nas desordens mentais, são desenvolvimentos secundários. Aparecem quando o plano de atividade da vida sofre distúrbio. O que tem estado a reclamar nossa atenção é arregimentação de fenômenos reativos que resultam da ausência ou da privação do amor. A segurança que resulta de ser amado e de dar amor a outros é a base de saudável existência em qualquer idade da vida.

Por contraste a religião oferece uma interpretação e regra de vida baseadas inteiramente no amor. Ela chama a atenção continuamente para êste terreno fundamental. A ênfase sobre isto é insistente em tôda a Escritura.

É possível que esta própria insistência da religião tenha, em parte, sido responsável pelo "adorável tabu" que tem marcado muito da psicologia. Havendo rejeitado a perspectiva religiosa para a cura das almas, a Ciência considera esta cura como mais realística e centra-a nas condições reativas do homem — o ódio, a agressão, o impulso sexual etc.

Amor de Deus, o Maior Antídoto

Uma mudança, entretanto, tem estado a se desenvolver, e já os psicólogos estão conotando mais e mais a incondicional necessidade da criança por segurança e amor dentro do lar. Em alguns exemplos esta segurança está sendo descoberta como igualmente válida entre adultos que têm apaixonada fome de associação com a família, com seus colegas e com a comunidade. Maior potencialidade para cura existe na afiliação com o infinito — pertencer a Deus, identificar-se com Êle e ser aceito por Seu amor.

Em outras palavras, minha proposição é que

o amor de Deus ainda é o maior antídoto para os males do homem. Pela própria relutância da terapia secularmente orientada em prescrever êste remédio, conclui-se que é tempo de os homens de Deus ocuparem êste vazio — e todos devemos ser homens de Deus.

Nunca cesso de maravilhar-me do poder restaurador que existe na correta relação entre o homem e seu Deus. Não faz muito estive em contato de conselho com um homem tão inseguro de sua própria identificação que compulsivamente coletava tudo no sentido de aumentar o seu prestígio e convencer aos outros — e especialmente a si mesmo — de que era alguma coisa, que sua pessoa era importante, que havia algum tipo de significado para sua existência. A transformação havida depois que êle adquiriu compreensão do amor de Deus, particularmente no que se podia ver dêsse amor no sacrifício expiatório de Cristo, não foi menos que miraculosa. O compreender que êle na realidade era importante a ponto de ser notado por um Deus infinito, que era suficientemente desejado a ponto de ser redimido pela morte do Filho de Deus — esta compreensão do amor de Deus fez por êle alguma coisa que nada no mundo poderia ter feito.

Eu não ousaria negar que a moderna psicologia tem ajudado a muitas pessoas. Não negaria que em seu corrente vocabulário muitas pessoas têm encontrado novos intuitos. Mas é aqui que uma interessante possibilidade se apresenta a nossa geração. Não há aqui a possibilidade de que muitos de nossos jovens, levados no simbolismo e fé da psicologia, quando em face das perplexidades da vida possam encontrar a refrigerante e apropriada expressão da Palavra escrita, plena de significado para a sua experiência? Há hoje os que encontrariam a beleza iluminadora e refrescante das Escrituras se tão-sómente houvesse alguém que as lesse para êles.

Como vêdes, nos o problema não é o não têrmos nada eficaz para os males da humanidade, mas sim em que temos sido ineficazes em comunicar nossas soluções. Temos estado tão obcecados com a idéia de que há "gigantes" ministradores na Terra que temos perdido a fé no Deus que prometeu dar-nos a Terra em posseção.

Não devíamos ir ao encontro das pessoas precisamente quando estão considerando e interrogando e buscando o significado da vida? Não os vemos ponderando sobre que fôrças têm prevalecido contra êles? Não notamos que em muitos dêsses casos essas horas de recolhimento e indagação representam precisamente o solo fecundo para a semente espiritual?

É justamente porque encontramos diàriamente tais pessoas que temos necessidade de um ministério dinâmico.

O Programa Planejado do Pastor

O. M. BERG

POUCAS pessoas têm atividades e deveres mais complexos do que o ministro adventista do sétimo dia na atualidade, e seu trabalho está-se tornando cada dia mais cheio de envolvimento. Sendo isto verdade, torna-se da máxima importância que nosso trabalho seja sempre bem planejado. Precisamos ter um devido senso de equilíbrio. Temos de reconhecer prioridades, e saber como obter o máximo de produção num mínimo de tempo, num máximo de envolvimento com um mínimo de fricção. O pastor precisa ter:

1. Senso do divino chamado em sua tarefa.
2. Dedicção a essa tarefa.
3. Avaro ciúme do tempo que Deus lhe deu.
4. Capacidade de adequada avaliação da importância da obra que faz, de maneira que seu tempo não seja desperdiçado em migalhas.
5. Um esboço de seu trabalho; um diagrama dos planos e projetos que têm de ser propostos, promovidos, orientados, de maneira que ele saiba para onde está indo.
6. Sabedoria para saber como delegar responsabilidades e envolver toda a congregação na tarefa de partilhar oportunidades para trabalho sempre crescente.

Muito do sucesso ou fracasso de sua obra depende da maneira como ele organiza seu trabalho e despende o seu tempo. Muito apropriadas para nós são as palavras do apóstolo Paulo: "Fazei o melhor uso de vosso tempo, a despeito das dificuldades destes dias." Efés. 5: 15, Phillips.

Embora alguns ministros tenham talvez uma variedade maior de deveres do que alguns outros, têm eles também maior liberdade do que outros em determinar o que deve ser feito e o que deve ser deixado por fazer. Nós somos entre todo o povo senhores de nosso tempo. Como bem o diz Ralph G. Turnbull em seu livro *A Minister's Obstacles*: "Ninguém espera que estejamos em uma função por algum tempo e o público e nosso povo não tenham meios de verificar o uso que fazemos das horas preciosas. Recebemos para investir no preparo de nós mesmos, e se estamos fazendo progresso na economia de tempo, estamos aprendendo a viver. . . . Se as horas são malbaratadas por interesses secundários, estamos sucumbindo ao vício da indolência."

Disse uma vez Napoleão: "Posso perder batalhas, mas ninguém jamais me verá perder minutos, seja por excesso de confiança própria ou por indolência."

O ministro de hoje que subestima o seu tempo, certamente não apreendeu o pensamento daquele que disse: "Convém que Eu faça a obra daquele que Me enviou enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar."

Bruce Barton, em seu livro *The Man Nobody Knows*, salienta que uma coisa que todos que viram a Jesus reconheceram, é que Ele tinha Sua casa espiritual em ordem e sabia em que devia ocupar-se.

Isto é o que precisa ser dito também dos ministros adventistas do sétimo dia. Nosso povo precisa saber antes de tudo que nós conhecemos a Jesus. Devem ver em nós verdadeiros líderes espirituais. Segundo, devem ver que estamos empenhados em nosso trabalho. E este encontro pessoal com Jesus e esta dedicação ao trabalho não permitirão estejamos descuidados ou morosos no que temos para fazer. Muitos ministros, oprimidos com a magnitude da tarefa, tornam-se frustrados e secretamente anseiam por aliviar-se da pesada responsabilidade. Faz vários anos a revista *Life* publicou um artigo intitulado: *Por que os Ministros Estão Ruindo*. Cita o artigo numerosos exemplos de pânico, frustração e colapso mental em virtude de muitas e variadas pressões que esmagam o ministro.

Freqüentemente a perplexidade pode ser identificada com a falta de programar devidamente o trabalho. Muitos ministros operam num programa agitado. Estão em constante estado de crise, sempre tentando ajuntar as peças. Basta pouco tempo, reflexão, estudo, o organizar um programa e planejar o trabalho para os meses seguintes. E isto não é perda de tempo. A alternativa seria fazer correndo uma tarefa após outra, um sermão sábado após sábado, uma campanha após outra, sempre despreparado, sempre dentro de um senso de futilidade.

Agora é o tempo de planejar o programa para 1970. Com algumas horas extras ou mesmo dias, sentai-vos agora para este propósito e isto eliminará muitas frustrações e até úlceras no futuro.

Como Garantir Decisões

(Conclusão)

J. L. SHULER

Instrutor de Bíblia, Loma Linda, Califórnia

O TRABALHO pessoal quando corretamente conduzido é um método muitíssimo eficaz para assegurar decisões. O trabalho pessoal eficiente é baseado na observação de muitos princípios diferentes. O espaço de que dispomos e o tempo não nos permitem debater senão dois dêles.

Um dos mais importantes é o uso do apêlo pessoal e direto. É o segredo do sucesso no trato com pessoas interessadas. Ellen G. White declara:

“O segredo de nosso sucesso e poder como um povo que advoga verdades avançadas será encontrado no apêlo pessoal, direto, àqueles que se mostram interessados, mantendo inabalável confiança no Altíssimo.” — *Review and Herald*, 30 de agosto de 1892. Se aplicardes êste segredo no trabalho pessoal, obtereis sucesso.

O registro bíblico mostra que Jesus e Seus discípulos fizeram uso do apêlo pessoal direto. Uma das melhores ilustrações dos princípios envolvidos aqui e o apêlo pessoal de Paulo a Agripa conforme se encontra registrado em Atos 26:22-28.

Cinco Princípios-Guia

Um estudo do assunto revela cinco princípios-guia sôbre como formular e usar apelos.

1. Preparai o caminho fazendo o apêlo para que a Palavra de Deus seja utilizada com sucesso. O apêlo deve ser baseado nos ensinamentos das Escrituras (Atos 26:22 e 23).

2. O apêlo deve estar relacionado com o conhecimento e o progresso da pessoa sôbre a verdade da Palavra (Atos 26:26).

3. É dirigido diretamente às convicções da pessoa (Atos 26:27, prim. parte) e pode ser formulado na forma de uma pergunta. É destinado a levar ao íntimo da pessoa a compreensão de sua responsabilidade pessoal.

4. O apêlo é concluído por expressar o desejo de que a pessoa responda (Atos 26:27, últ. parte).

5. Deve ser introduzido no momento oportuno.

Aqui está um exemplo de como certos tex-

tos podem ser usados como apêlo direto sôbre os vários aspectos da decisão:

Para que a Pessoa se Torne Cristã

“Eu gostaria que o senhor observasse o que Jesus lhe diz em Apocalipse 3:20: “Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com êle cearei, e êle comigo.” Jesus deseja entrar em seu coração e tornar a sua vida o que ela deve realmente ser. Permite o senhor que Êle faça isto? Certamente que sim, não é? Está pronto a abrir a porta e deixar que Êle entre, não é certo?”

Para que a Pessoa se Torne Cristã

1. “Quando o senhor pensa em como Jesus deu a Sua vida na cruz em seu favor não pode deixar de amá-Lo, não é certo? Eu sei que o senhor ama a Jesus. Aqui em S. João 14:15 Jesus lhe diz: “Se me amardes, guardareis os Meus mandamentos.” Agora que o senhor sabe que um desses mandamentos é a observância do sétimo dia da semana, ou sábado, certamente estará pronto a começar a guardar êste mandamento como prova de amor por Êle, não é verdade?”

2. “Sabe que duas qualidades o Senhor Deus está procurando encontrar no senhor e em mim? Note o que Êle diz em Isa. 1:19: “Se quiserdes e ouvirdes, comereis o bem desta terra.”

“O senhor deseja *querer* e *ouvir*, isto é, ser obediente, não é? Uma vez que o Senhor Deus lhe tornou claro que o sétimo dia é o único dia que Êle santificou para o senhor, está disposto a começar a guardá-lo, não é verdade?”

Para que se Una ao Povo Remanescente de Deus

“A Bíblia predisse que nos últimos dias Deus reuniria um povo especial que haveria de guardar os Seus mandamentos. Em Isa. 27:12 Deus declara que Êle os reunirá um por um. Não gostaria de ser um desses a quem o Senhor chamará para o Seu reino?”

Deus colocou na Bíblia alguns textos que são especialmente próprios para serem usados em apelos pessoais diretos. São textos que ajudam

pessoas a se decidirem por Cristo, entrando na experiência da conversão. Há outros textos que ajudam a pessoa a começar a guardar o sábado, e ainda outros mais que ajudam na decisão de unir-se com a última igreja de Deus.

Cada obreiro deve ter em mente uma lista tríplice de textos que ele pode usar como base de apêlo direto para o caso da decisão que tem em vista obter, seja de conversão, de guarda do sábado ou de união com o povo de Deus. Deve conhecer tão bem esses textos que os possa usar em qualquer momento. Isto é parte do equipamento essencial para um bom trabalho pessoal.

O Apêlo Pessoal Direto

A ausência de apêlo pessoal direto é um ponto fraco em grande parte de nosso evangelismo. "São feitos convites gerais, *mas não convites pessoais, definidos, em quantidade suficiente*. Se fôssem feitas mais visitas pessoais, *mais decididos movimentos também seriam feitos no sentido de seguir a Cristo*." — *Review and Herald*, 15 de agosto de 1899. (Itálicos supridos.)

Alguns textos sugestivos para apêlo pessoal direto nos três principais aspectos de decisão:

1. Para tornar-se cristão: S. João 1:12; I S. João 1:9; Atos 16:31; II Cor. 5:17; Jer. 21:8; Isa. 1:18; 45:22.

2. Para guardar o sábado: S. João 15:14; 14:23; I S. João 1:7; Isa. 56:1-6; 58:13 e 14; Ezeq. 20:20; Apoc. 22:14; Heb. 5:9; Isa. 48:18.

3. Para tomar posição ao lado do povo de Deus: Apoc. 18:4; S. João 10:26 e 27; II Cor. 8:12; S. Luc. 14:33.

A Bíblia contém muitas ilustrações, incidentes e narrativas que podem ser tomados como base para poderosos apelos diretos nos casos cuja situação seja paralela a essas experiências bíblicas.

Algumas ilustrações dêste princípio:

1. A história de como os israelitas foram capazes de cruzar o rio Jordão (Jos. 3) em relação com a pessoa que está desejosa de começar a guardar o sábado, se Deus lhe abrir um caminho.

2. A história dos dois construtores (S. Luc. 6:46-49) em relação com pessoas que admitem que o sábado deve ser guardado, mas não fazem nenhum esforço para guardá-lo.

Usai os Métodos de Cristo

Nunca devemos esquecer que os métodos de Cristo não podem ser melhorados. Nenhum outro exemplo é mais impelente e ilustrativo dos métodos de Jesus do que o Seu encontro e diálogo com a samaritana junto ao poço de Jacó. São aí expostos muitos princípios da obra de ganhar almas. Podemos volver nossa atenção para dois, usados por ele em Seu apê-

lo pessoal, e como conseguiu resposta ao que disse. Disto fez ele uma série de sucessivos passos para a decisão.

O fato revela como podemos conduzir a pessoa interessada à decisão, construindo nosso apêlo sobre suas respostas. Devemos esforçar-nos por obter o seu assentimento aos passos que a levarão a participar do movimento do advento. Este é o caso de utilizar o princípio de dirigir a mente da pessoa para a conclusão desejada, mediante o edificar sobre suas próprias conclusões e respostas.

Conduzi o Interessado à Obediência

É muito comum que pessoas interessadas, depois de terem ouvido ou lido a respeito do verdadeiro sábado, admitir espontaneamente que o ensino é verdadeiro. Podem dizer: "Vocês realmente estão ao lado da Bíblia quanto ao ensino da guarda do sábado."

Eis a oportunidade para responder: "Alegrame que o senhor admita que o sétimo dia é o verdadeiro dia de guarda. É muito bom conhecer a verdade como ela é. Sabe qual a coisa imediata que Deus deseja o senhor faça?" Leia então S. Luc. 11:28.

Dizei então: "Note que Jesus pronuncia Sua bênção sobre os que ouvem a Palavra e a guardam, ou lhe obedecem. Agora que o senhor compreende que o sétimo dia é o dia de Cristo, o primeiro passo a dar é guardá-lo em nome de Jesus." Segui então com outros textos que dão ênfase à obediência à verdade, tais como S. João 15:14; Apoc. 22:14; S. João 14:15 e 23; Heb. 5:9; I S. João 2:3 e 4 etc.

Quando uma pessoa admite que estais certos com respeito ao sábado, esta é vossa oportunidade de construir sobre sua admissão e obter sua decisão de guardar o santo dia. Se conheceis a Bíblia, estareis capacitados a citar trechos que respondam a qualquer escusa que ele procure apresentar. A habilidade para citar de imediato textos apropriados em resposta ao que a pessoa diz ajudará muito na decisão.

Aqui está uma lista de textos que poderão mostrar-se oportunos em certas situações:

Para decisão: Sal. 119:60; Atos 22:16; Heb. 3:15; II Cor. 6:2; Gên. 6:3; I Reis 18:21; S. Tia. 4:17.

Para entrega: S. Luc. 14:33; II Cor. 8:9; Núm. 32:11 e 12.

Para não seguir a família ou amigos que procuram impedi-lo: S. Mat. 10:37; S. Luc. 12:51-53; Gál. 1:10; Ezeq. 14:20.

Para encorajamento nas provas que poderão vir com a decisão: Atos 14:22; S. João 15:18-20; I S. Ped. 4:12-16; S. Luc. 6:22 e 23; Isa. 41:10; 43:2.

E lembrai-vos: "Os entendidos, pois, resplandecerão, como o resplendor do firmamento, e os que a muitos ensinam a justiça refulgirão como as estrelas sempre e eternamente." Dan. 12:3.

A “Inefável” Bomba Atômica

LUÍS WALDVOGEL

JOÃO SILVA é um homem franzino, temperamento delicado, emotivo. Quando criança, quase sessenta anos atrás, ouviu a primeira pregação adventista. Tratava da vinda de Jesus, ou antes, dos sinais da vinda de Jesus. Hoje João Silva não se lembra de coisa alguma daquele sermão senão das palavras: “... um avião, sobrevoando Londres, poderia em meia hora reduzir a um montão de escombros aquela grande cidade, despejando bombas sôbre ela...”

João Silva cresceu, fêz-se homem. Um dia entrou numa igreja adventista, em que se realizava uma série de conferências. “Sinais da Vinda de Cristo” — era o tema. Muitos sinais foram apresentados, mas todos desapareceram na insignificância, diante do entusiasmo e eloqüência com que o conferencista discorria sôbre o último e mais pavoroso instrumento de mortandade coletiva: a Bomba Atômica! Essa noite João Silva teve um pesadelo dantesco: Caía-lhe em cima da casa, no seu quarto, no seu leito... uma bomba atômica do tamanho do Pão de Açúcar!

Outro dia, João Silva tomou de um dos nossos livros. Desejava recrear o espírito, ter a revelação de um Jesus todo amor, todo paz, misericórdia e perdão. Abriu-o ao acaso: “Bomba Atômica” — era o título de um capítulo: uma gravura da bomba atômica, em tôdas as côres de sua explosão... onde foi, ainda? Sim, em Nagasaki, em Hiroshima, num deserto dos Estados Unidos, num recanto do guerresco Oceano Pacífico, em cada um dos sete mares, no ar, no sub-solo! Bomba atômica... *Bomba atômica*... **BOMBA ATÔMICA** por tôda parte, nos nossos livros, nas nossas conferências públicas, na Escola Sabatina, nas reuniões dos MV...

João Silva estava anelante de ter um vislumbre de Jesus. As macabras visões da bomba atômica impediam-no disso. Meteu a cabeça entre as mãos, e chorou. Chorou desconsoladamente! No íntimo, bradou: Dêem-me Jesus! É d’Ele que preciso, e não de bombas e quejandas coisas pavorosas! Não me arrebatem meu Salvador! Dêem-me uma visão de Seu amor, Sua misericórdia, Seu perdão! É disso que careço, pois sou pecador, grande pecador! E meu pecado não pode ser delido pela bomba atômica, não pode ser perdoado

incutindo-me pavor, mas sim amor, o amor de Jesus...

Muita coisa mais bradou para dentro de si mesmo o pobre João Silva, aflito, quase desesperado.

Desde menino não o largava a visão daquele bombardeiro, incipiente ainda, de seis décadas atrás, a reduzir a escombros Londres, que também podia ser o Rio de Janeiro, ou São Paulo... E nas pregações que, feito moço, vinha acompanhando, o singelo aviãozinho, é claro, evoluiu muito até metamorfosear-se no possante bombardeiro a jato transportando a diabólica bomba atômica, ou de hidrogênio. E vieram mais os foguetes teleguiados, a guerra química... E o menino João Silva que, apesar de tudo, continua ainda adventista convicto depois de crescido, tornou-se um complexo atômico, arisco e desconfiado da pregação que vai ouvir. Ao entrar na igreja, cogita: Não será a bomba atômica o prato *espiritual*, hoje?

Ensimesmado e pensativo, certa noite, quando o sono lhe fugiu, João Silva monologou: Por que será que muitos pastôres, tão queridos, tão consagrados e inteligentes todos êles, não pregam mais a Jesus, e menos a bomba atômica? Por que será que, parece, querem atrair mais pecadores pelo temor dos juízos divinos do que pelo amor de Deus e de Jesus? Acharão mais forte e poderoso o mal do que o bem? o diabo, do que Jesus? o ódio, do que o amor? Por que será que apresentam a vinda de Jesus como uma ameaça, em vez de promessa? Acharão porventura que os homens devam obedecer a Jesus por temor, em vez de por amor? ou que êste deva ceder lugar àquele? Como estão enganados! Não viram, já, em sua experiência pastoral, que os homens ganhos pela pregação do amor, permanecem mais firmes, são mais estáveis, mais frutuozos, animados e contentes, do que os alcançados pela pregação do temor? Não viram ainda que o medo pode convencer, mas o amor é o que converte? que o intellecto *pensa*, mas o coração *sente*? Não perceberam ainda que os conversos feitos pela avenida do coração, do amor, são mais perseverantes do que os ganhos pela intimidação, pois o amor permanece, ao passo que o efeito do temor é passageiro?

(Continua na pág. 20)

Algumas Idéias Para Trabalho Produtivo

JOSÉ TABUENCA

Colégio Adventista do Prata

Graduei-me nos cursos superiores do CAP, recebi e aceitei o chamado para a obra pastoral e evangélica, e cheguei à minha igreja para trabalhar como seu pastor... e agora, quê?

I. Recolher um Panorama de Minha Igreja Desde o Princípio

1. Receberei do pastor que me precedeu, informações sôbre o estado da igreja em todos os seus aspectos, lista de interessados, assuntos, pendentes e situação financeira clara. Preferivelmente, receberei estas informações por escrito.

2. Visitarei o secretário da igreja, e obterei a lista atual de membros, direção e número de telefone dos membros.

3. Obterei do secretário uma lista dos adventistas que deixaram a fé durante os últimos cinco anos. Trabalharei pelo seu regresso à igreja.

4. Visitarei os oficiais da igreja em sua casa, solicitarei sua colaboração, oferecerei a minha sem reparos, e agradecer-lhes-ei antecipadamente o firme apoio. Orarei com êles em sua residência.

5. Visitarei o tesoureiro da igreja, e terei o ORÇAMENTO equilibrado e aprovado pela comissão, e uma relação fiel do estado financeiro da Igreja. Solicitar-lhe-ei uma relação fiel de cada irmão, e de sua contribuição em dízimos e ofertas. Conservarei isto em absoluta reserva e para usá-lo com a máxima prudência.

6. Visitarei o secretário-missionário, e obterei a lista dos periódicos e revistas denominacionais recebidos por membro da igreja ou interessado, e indagarei qual o número de livros do Espírito de Profecia, Bíblias e hinários adquiridos pelos membros durante os últimos cinco anos.

7. Visitarei o diretor missionário e solicitarei o programa dessa atividade em andamento na igreja, e a participação detalhada da atuação de cada membro nesse programa.

a. Solicitarei os nomes de todos os alunos da Escola Radiopostal.

b. Pedirei a lista dos que seguem o plano de A Bíblia Fala.

c. Pedirei a relação de materiais, equipamentos e elementos para a atividade leiga, de propriedade da igreja e de membros em particular.

8. Visitarei o ancião encarregado dos cultos de oração, e estudarei o plano de reuniões programadas para todo o ano, e a assistência a essa reunião vital. Horários, temários etc.

9. Visitarei o diretor da Sociedade de Jovens e estudarei com êle o programa da Sociedade, horário, dia de realização, atividades sociais, acampamentos, reuniões sociais e missionárias. A marcha da Voz da Mocidade. Ouvirei os problemas enfrentados pelos jovens, e solicitarei opiniões para melhor servir, e mais inteligentemente aos nossos jovens.

a. Solicitarei a lista de alunos adventistas em nossos colégios e escolas primárias, e o nome dos jovens adventistas que não estudam em escolas primárias nem em colégios adventistas de nossa denominação.

b. Obterei a lista de alunos adventistas em escolas superiores e em universidades. Pedirei seus endereços para comunicar-me com êles pessoalmente ou por carta.

10. Visitarei o diretor da Escola Sabatina, em sua própria casa. (Este primeiro encontro não deve ser em casa do pastor, mas êste é que deve visitar seu colaborador em casa dêle.) Estudarei o panorama da Escola Sabatina, o cumprimento de seus objetivos, a qualidade do programa, sua extensão, a lista de Escolas Filiais, o nome de seus diretores, sua situação no distrito, o andamento de suas ofertas, assistência, estudo da lição.

Recolherei informação detalhada quanto às divisões da Escola Sabatina, jovens, juvenis, primários, e Rol do Berço. Visitá-las-ei, cumprimentarei a cada um de seus dirigentes, e tomarei conhecimento de seus problemas a fim de dar-lhes decidido auxílio.

11. Visitarei o diretor da música da igre-

ja. Ouvi-lo-ei acêrca da organização estabelecida e da orientação que a comissão dessa atividade ou seu diretor lhe esteja comunicando — à música da igreja. Interessar-me-ei vivamente no côro, os grupos vocais menores, trios, duetos, quartetos. Compreendo que é uma atividade vital para a adoração e para servir nas campanhas de evangelismo público. Porei na eficiência de seu funcionamento interesse pessoal.

12. Visitarei o diretor da escola primária da igreja. Tomarei conhecimento de seus problemas. Procurarei conhecer a integração da Comissão do Lar e Escola, e o nome dos integrantes da Cooperadora Escolar. Interessar-me-ei no professor, em sua morada, em seu bem-estar físico e espiritual, em seus problemas sociais, nas boas relações com os pais de seus alunos. Tomarei interesse no equipamento escolar, e na qualidade do ensino. **OUVIREI O PROFESSOR.**

13. Visitarei a diretora da Sociedade Beneficente Dorcas, e informar-me-ei do programa dessa sociedade. Conhecerei o equipamento material com que realiza sua obra, e me interessarei em conhecer a maneira por que realiza seu trabalho em benefício das necessidades da igreja e em favor das que dizem respeito à comunidade local.

14. Visitarei o chefe dos diáconos em sua residência. Recolherei dados para conhecer como o corpo de diáconos cumpre sua missão de serviço. Buscarei conhecer o aparelhamento para a Ceia do Senhor, o cuidado e a limpeza da igreja, provisão de utensílios necessários, manutenção do prédio e dos equipamentos, bem como a manutenção da ordem e da reverência no templo.

a. Interessar-me-ei zelosamente pala maneira por que atende aos pobres e aos enfermos da igreja, e à distribuição dessa responsabilidade entre todos os diáconos. (Costuma-se calcular que um diácono se interesse em 10 ou 12 irmãos para visitas missionárias.)

b. Com idênticos objetivos, visitarei a 1.^a diaconisa, obtendo informações específicas quanto a seu setor de serviço. Interessar-me-ei em conhecer o plano existente para prover as flores frescas para as reuniões semanais da igreja. Interessar-me-ei por conhecer igualmente o plano para a manutenção de aparelhamentos da Ceia do Senhor e demais tarefas correlacionadas.

15. Visitarei irmãos de personalidade da igreja, incontestavelmente reconhecidos como colunas. Recolherei informações de sua participação nos programas e no trabalho missionário da igreja, e solicitar-lhes-ei a decidida colaboração para a prosperidade espiritual da igreja. **NÃO TOMAREI PARTE EM NENHUMA CRÍTICA A DIRIGENTES OU A IRMÃOS.**

II. Obter um Panorama da Comunidade Servida por Minha Igreja

1. Visitarei os diretores e secretários de redação dos diários, semanários e periódicos de minha zona. Agradecerei sua colaboração no passado. Averiguarei o dia natalício de cada diário para enviar pontualmente felicitações em meu próprio nome e no da igreja adventista. Visitá-lo-ei com um exemplar de um bom livro nosso. Oferecer-lhe-ei uma assinatura de *Vida e Saúde* e *Mocidade*, que não enviarei pelo correio, mas levarei pessoalmente a cada mês, ou por intermédio de um de meus seletos colaboradores, para afirmar boas relações e criar boa vontade para com as coisas correntes, ou para emergências menos agradáveis.

2. Visitarei as autoridades. Agradecer-lhes-ei a colaboração. Estimulá-las-ei judiciosamente em sua obra pública. Expressarei breve e prudentemente nosso desejo de colaborar em boas obras. Dir-lhes-ei com profundo senso de responsabilidade que oramos por elas cada dia, pedindo a direção de Deus em suas responsabilidades. Seguirei o mesmo plano no que respeita às revistas.

3. Visitarei a rádio e a TV. Agradecerei colaboração e oferecer-lhes-ei um livro e uma de nossas revistas. Continuarei o sistema de visitas mensais, sempre para tentar oferecer (não tentar vender), *Mocidade* e *Vida e Saúde*.

4. Visitarei os dirigentes de entidades bancárias, associações comerciais, Rotarianos, Leões, e outras expressões culturais, e levar-lhes-ei *Vida e Saúde* e *Mocidade*. Estes serão contatos importantíssimos para o presente e o futuro. (Podem ajudar a vencer preconceitos, obter apoio em algum programa social, conseguir algum salário para séries de conferências etc.) As revistas para todo êsse plano e para todos os casos podem conseguir-se de um número fixo de assinaturas pagas pela igreja, com a oferta do primeiro sábado do mês — obra missionária local.

5. Visitarei os diretores dos centros educativos dos tipos que existam em minha zona. Expressar-lhes-ei minha admiração por sua obra construtiva em bem da juventude, e ofertar-lhes-ei *Vida e Saúde* e *Mocidade*.

6. Com muita prudência, estabelecerei contatos com os dirigentes religiosos de outros credos, e levar-lhes-ei mensalmente as duas revistas. Mostrar-me-ei amistoso e cortês com êles, e em cada visita destas a dirigentes religiosos, convidá-los-ei a orar com êles e por êles.

7. Deixarei, se possível, a responsabilidade total ou parcial de levar as revistas a um colaborador habilitado para o cargo de relações públicas da Igreja.

Uma Razão Histórica

VÍTOR AMPUERO MATTA

JOÃO de Médicis, filho do famoso duque Lourenço de Médicis (protetor das artes e das letras), foi eleito papa em 1513. Ordenou durante seu pontificado a pregação e venda das indulgências. Queria, por essa maneira, reunir fundos para levar a cabo suas grandes obras artísticas em Roma.

João Tetzl, dominicano alemão, obteve deplorável celebridade como propulsor da venda dessas indulgências em seu país natal. Tal foi a origem imediata da Reforma, visto haver indignado a Martinho Lutero o comércio que se estava fazendo com supostas bênçãos espirituais.

Uma vez que na venda das indulgências ocupa lugar destacado a doutrina do purgatório, era natural que essa passagem do segundo livro dos Macabeus que estudamos adquirisse importância para apoiar a eficácia de fazer sufrágios pelos mortos. Por sua vez, essa passagem implicava na aceitação de todo o livro que a contém. Esse livro não poderia ser aceito sem os outros que se encontram na Vulgata, se bem que, no que respeita ao Velho Testamento, houvesse discrepância com o legítimo cânon judaico.

Não podemos afirmar que fôsse esta a única razão, ou pelo menos a razão básica, para dar valor de livros inspirados aos apócrifos. Não obstante, bem poderia haver sido assim.

Qualquer que haja sido a razão ou razões para a inclusão dos ditos livros, o fato é que eles significam a presença de elementos estranhos em meio da coleção inspirada.

Testemunho Importante

O historiador judaico Flávio Josefo, do primeiro século de nossa era, deixou-nos êste notável testemunho quanto aos livros do Velho Testamento que são realmente reconhecidos como inspirados. Diz-nos êle: "Nós não possuímos milhares de livros discordantes e contraditórios, mas apenas 22, (3) que abrangem as informações de todo o tempo [a narração do ocorrido da criação em diante], e com justiça cridos como divinos. Dêles, cinco são livros que foram escritos por Moisés, os quais incluem a lei e as tradições da humanidade até sua morte, um período de mais de 3.000 anos. Da morte de Moisés até ao reinado de Artaxerxes, sucessor de Xerxes, rei da Pérsia, os profetas

que se seguiram a Moisés narram os acontecimentos de seu tempo em treze livros. Os quatro livros restantes consistem em hinos a Deus, e em máximas, normas de conduta para o homem.

"De Artaxerxes a nossos dias, têm-se escrito vários livros, mas não têm sido reconhecidos como dignos da confiança concedida aos que os precederam, porquanto foi interrompida a sucessão de profetas. Tal é a prova do respeito que temos por nossas 'Escrituras,' que apesar do longo intervalo que nos separa do tempo em que se completaram e terminaram, ninguém se atreveu a acrescentar ou tirar ou mudar uma sílaba; todos os judeus, desde o dia de seu nascimento, como impulsionados por um instinto, consideram as Escrituras como os oráculos do próprio Deus a cujo ensino devem ser fiéis e pelo qual dão, se preciso fôr, a própria vida." (Contra Apion, cap. 1, parág. 1.)

Esta importante prova é uma comprovação mais, que exclui do Antigo Testamento os outros livros não reconhecidos pelos judeus, depositários da verdade divina.

O que Ensina um Tradutor Católico da Bíblia

O sacerdote espanhol Serafim de Ausejo, é um escriptorista contemporâneo de reconhecido prestígio no mundo espanhol. É revisor de uma versão das Sagradas Escrituras que foi publicada pela primeira vez em 1964. Deu por essa forma seu nome a um trabalho de vários escriptoristas.

Há nessa Bíblia notas introdutórias aos livros Apócrifos, as quais mostram qual o verdadeiro caráter dessa obra. Vamos por isso citar diversos parágrafos ou fragmentos dessas declarações.

1. Ocupar-nos-emos, em primeiro lugar, do Segundo Livro dos Macabeus. Entre outras coisas, diz êle em sua introdução: "Aqui há mais afetação no relato, que parece obra de um pregador e não de um historiador moderado. (4), e a cronologia mostra-se não pouco dialogada em comparação com a de I Macabeus." "A língua original do livro é a grega. Certo Jason de Cirene havia escrito em grego cinco livros sobre o tema indicado. Dêles, um judeu alexandrino tirou um compêndio, que é o

livro atual, di-lo expressamente o autor sagrado em seu prólogo (II Macabeus 2:20-33). A igreja reconheceu esse livro como inspirado e canônico, apesar de tratar-se de um resumo de outra obra."

Julgue o leitor se é possível ser divinamente inspirado um livro que é, na realidade, o resumo de outra obra mais volumosa e de caráter histórico. Acrescente-se a isto que não se trata de um trabalho "moderado" e de cronologia "deslocada."

Acrescenta Ausejo que "sua importância doutrinária é realmente muito valiosa, porquanto nele se descobrem verdades referentes ao além que apenas se vislumbram nos demais escritos do Antigo Testamento." "Menciona a utilidade da oração pelos mortos (12:43-46), a intercessão dos santos (15:12-16)."

2. Quanto ao Primeiro Livro dos Macabeus, diz Ausejo na introdução: "Não figura, pois, este livro na Bíblia hebraica. A igreja universal (católica), porém, reconhece-o como canônico." "A veracidade e exatidão da história aqui narrada sente-se pela precisão topográfica de seus dados e pela quantidade de documentos autênticos que são citados, se bem que os números que nela figuram constituam um problema de não fácil solução."

Devido a não estar este livro na "Bíblia hebraica," não tem lugar legítimo entre os livros inspirados. Pois "aos judeus foi confiada a Palavra de Deus" (Rom. 3:2). Este ensino de S. Paulo é de absoluta vigência no que respeita ao Velho Testamento.

Os "números" de "não fácil solução," são possivelmente anacronismos do livro. Um de seus erros evidentes é a suposta partilha do reino feita por Alexandre da Macedônia entre seus quatro generais (Macabeus 1:6-8) antes de morrer. É um erro flagrante.

3. Quanto ao livro de Tobias, lemos na introdução de Ausejo: "Este livro não existe na Bíblia hebraica." "Foi traduzido por S. Jerônimo em um dia apenas." "Mas o problema principal em torno desse livro é saber se temos nele uma história verdadeira de piedosa novela." "Há vários detalhes literários que revelam como essa história foi romanceada com fins didáticos. A geografia e a cronologia parecem ser simples enchimento; porque, tomadas ao pé da letra, dificilmente se salvam. Tobias já era homem maduro quando foi destruído de Israel para Nínive (cerca do ano 734 A. C.) e ainda vive ao ser destruída Nínive (no ano 612 A. C.) Teria portanto mais de cento e cinquenta anos. Talvez a verdade se encontre no que já insinuamos: fins realmente históricos, romanceado com finalidades didáticas."

A tradução de S. Jerônimo — a Vulgata — abrange tanto os livros realmente canônicos como os apócrifos, mas o tradutor distinguiu-os, de modo que verteu esse livro para o latim "em um dia apenas."

O reconhecimento de Ausejo de que se trate de "uma novela piedosa" fala por si mesmo.

4. Do livro de Judite, diz Ausejo: "Este livro arrasta consigo muitos problemas de não fácil solução em nossos dias. A insegurança do texto sagrado, o difícil enquadramento da história aqui narrada na história universal, a identificação nada fácil de seus personagens e, por conseguinte, a própria história da heroína do livro, Judite, são questões muito discutidas hoje entre os exegetas, inclusive católicos."

"Outro problema é saber a época histórica a que se refere a narração do livro. Quem foi esse 'Nabucodonosor, rei da Assíria, que reinava em Nínive' (1:5)? Porque esse célebre monarca foi rei de Babilônia quando já não existia Nínive, destruída precisamente por seu pai (no ano 612 A. C.)."

"A geografia e, sobretudo, a cronologia, apresentam também sérias dificuldades. Israel voltara do cativeiro e restaurara o templo em Jerusalém (a volta foi em 538 A. C.) (5) Se os fatos narrados no livro tiveram lugar antes da destruição de Nínive, quantos anos viveu Judite?"

"Não teríamos, pois, aqui história em sentido estrito, tampouco uma simples novela, senão um fundo histórico, mui difícil de determinar hoje, revestido de roupagens novelescas."

"A tradução que aparece na Vulgata Latina é obra de S. Jerônimo, que a fez — segundo ele próprio o conta — em uma noite apenas."

As mesmas observações que fizemos quanto ao livro de Tobias, podem aplicar-se a esse livro. Uma heroína, Judite, que aparece como vivendo pelo ano de 612 A. C. e continua vivendo talvez duzentos ou mais depois; um Nabucodonosor imaginário que aparece em cena em um país que não o seu; um livro de 16 capítulos que tem um total de 346 versículos, "traduzido em uma noite apenas." Este último dado permite-nos comprovar que S. Jerônimo distinguia entre os livros canônicos e os que o não eram.

5. Entre outras coisas, diz Ausejo em sua introdução ao livro da Sabedoria: "Se bem que no título da edição grega figure o nome de Salomão como seu autor, isto é impossível. Disso já se advertiram alguns dos santos pais, particularmente Sto. Agostinho e S. Jerônimo. O nome de Salomão não é aqui senão mero artifício literário ou como um pseudônimo. E diga-se outro tanto do capítulo 9."

"A língua original do livro é a grega. Por isso mesmo não figura este no cânon hebraico dos livros sagrados. A igreja, porém, salvas algumas dúvidas dos primeiros séculos, aceitou-os definitivamente entre os livros canônicos."

Referindo-se ao autor do livro, comenta Aulsejo: "Mérito extraordinário seu é o haver sabido aproveitar-se das idéias platônicas sobre a distinção entre a alma e o corpo, para resolver definitivamente o grande problema que tanto torturou o 'sábio' de Israel: o problema da retribuição de além-túmulo."

O fato de o autor do livro haver-se servido de uma fraude atribuindo a obra a Salomão, indica não ser êle inspirado.

O não se encontrar no cânon hebraico obsta a que seja considerado como "Palavra de Deus" (Rom. 3:2).

O haver êle recorrido a "idéias platônicas" para estabelecer a distinção entre a alma e o corpo" coloca-o no terreno da filosofia pagã, grega, que tanto contaminou os judeus de Alexandria e que também contaminaria os cristãos. Clemente de Alexandria (150-216) e Orígenes (185-254), foram dois dos escritores cristãos mais afetados pelo neoplatonismo do século III A. D. que muito prejudicou o cristianismo, nêle introduzindo idéias pagãs e conceitos não fundamentados na Bíblia.

6. Relativamente ao Eclesiástico, lemos que "nunca foi lido nas sinagogas judaicas." "Nunca foi parte do cânon hebraico." Isto é suficiente para excluí-lo dos livros canônicos do Velho Testamento.

Esse extenso livro — tem 51 capítulos — apresenta alguns ensinamentos contraditórios quanto à Bíblia. Por exemplo: "Se nós não fizermos penitência, cairemos nas mãos do Senhor" (2:22). "A esmola resiste aos pecados." (3:33). "Com exceção de Davi, de Ezequias e de Josias, todos os outros pecaram" (49:5).

Não é a penitência, senão o arrependimento e a conversão que permitem chegar ao alcance da misericórdia sempre gratuita de Deus e ao perdão em Cristo. A esmola — boa em si mesma segundo o espírito com que fôr dada (Heb. 13:15) — não pode expiar pecados. Se assim fôra, "Cristo morreu debalde" (Gál. 2:21). Se Davi não houvesse cometido o triplo e execrável pecado em que caiu — tomar a mulher de seu próximo, escandalizar a Israel e buscar a morte de Urias, o heteu, — não poderia haver escrito o Salmo 51.

Há neste livro curiosa passagem: "Dos vestidos sai a polilha [espécie de traça], e da mulher a maldade do homem" (42:13). Declara-se aí o princípio da geração espontânea.

7. Quanto ao livro de Baruque, lemos na introdução de Aulsejo: "Não figura no cânon hebraico." "Sua origem é muito obscura." "Mesmo reconhecendo que originalmente foi escrito em hebraico e que, depois de sua tradução para o grego, perdeu-se o original, as idéias e contextura da obra denunciam uma época muito posterior à de Jeremias e Baruque." Aulsejo reconhece que são poucos os autores católicos que "ainda concordem com sua autenticidade como obra de Baruque." Pelo contrário, são mais os que "o retardam ao século III, e alguns ao século I A. C." Acrescenta: "A atribuição a Baruque seria devida à forte personalidade daqueles dois grandes homens, Jeremias e seu secretário [Baruque] com quem o judaísmo facilmente relacionou tudo quanto se referia à ruína de Jerusalém e ao começo do cativeiro babilônico.

Quanto à carta de Jeremias aos cativos (cap. 29 de Jeremias) consignada em Baruque 5:9 a 6:72, declara Aulsejo: "Já S. Jerônimo não a considerava autêntica."

Jeremias e Baruque são personagens dos séculos VII e VI A. C. A autor do suposto livro de Baruque (séculos III a I A. C.) também recorreu à fraude de atribuir sua obra a um personagem como Baruque, cheio de prestígio entre os judeus.

Nessa pretendida carta de Jeremias há uma contradição com o livro do profeta e com um fato histórico. Lemos: "Chegados, pois a Babilônia, ali estareis muitíssimos anos, e por muito longo tempo, até sete gerações; depois do que vos tirei dali em paz" (Baruque 6:2).

O que Deus ensinou por meio de Jeremias, foi: "E toda esta terra virá a ser um deserto e um espanto; e estas nações servirão ao rei de Babilônia setenta anos" (25:11). Esta profecia foi tomada em consideração por Daniel. "Eu, Daniel, entendi pelos livros que o número de anos, de que falou o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de acabar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos" (9:2).

"Muitíssimos anos," e, sobretudo, "sete gerações," não são setenta anos." Historicamente, os judeus saíram de Babilônia muito antes de transcorrerem sete gerações. Foram libertados por três decretos sucessivos (ano 536, 519 e 457 A. C.), expedidos nos dias de "Ciro, de Dario e de Artaxerxes, reis da Pérsia" (Esdras 6:14).

8. Nos capítulos apócrifos acrescentados a Ester (deuterocanônicos) segundo os autores católicos) aparece Mardoqueu como um representante "do número dos cativos que Nabucodonosor, rei de Babilônia, transportou de Jerusalém com Jeconias, rei de Judá" (Ester 11:4).

O cativo de Jeconias foi no ano 577 A. C. Artaxerxes I (Longimano) reinou de 465 a 424 A. C. Ora, segundo uma passagem da seção apócrifa, Mardoqueu exerceu atividades no "ano segundo do reinado do mui grande Artaxerxes" (Ester 11:2). Quer dizer, 133 anos depois de haver sido levado cativo a Babilônia. É possível aceitar isto como verídico?

Os autores católicos aduzem que o Artaxerxes dos acréscimos ao livro de Ester é o mesmo Assuero dos primeiros capítulos — os realmente canônicos. Se aceitarmos isto como realidade, há evidente contradição. Mardoqueu aparece como descobridor de uma conspiração de Bigtã e Teres (cap. 2), no ano sétimo de Assuero (Ester 2:16), ao passo que na seção apócrifa o descobrimento da conspiração diz-se haver sido no ano segundo de Artaxerxes (11:2).

9. Os acréscimos existentes no livro de Daniel (vers. 24 a 90 do cap. 3 e os cap. 13 e 14) estão redigidos em grego. Ora, diz Ausejo: "No cânon dos judeus só figuram como canônicos os capítulos escritos em hebraico ou em aramaico." Encontramo-nos novamente em face de partes não reconhecidas pelo povo depositário da Palavra de Deus, no que respeita ao Velho Testamento.

Convém salientar que Serafim de Ausejo, em suas notas introdutórias, não disse coisas que anulem ou menoscabem o valor da inspiração dos livros realmente canônicos do Velho Testamento. É evidente a diferença que existe entre o que afirma dos apócrifos diante dos que são parte do cânon hebraico.

Quando Foram os Apócrifos Eliminados das Bíblias Editadas pelos Protestantes?

Esta pergunta cobrou nova atualidade, pois começou a divulgar-se a idéia de que os apócrifos foram eliminados pelos protestantes das Bíblias que circulavam em vários idiomas em princípios do século XIX, em vez de dizer-se que eles haviam sido acrescentados pela igreja católica ao cânon já existente.

Foi em 1827, que as Sociedades Bíblicas decidiram não publicar mais os livros apócrifos nas edições da Bíblia. Lembremos que a Sociedade Bíblica Britânica se organizou em 1804, e a Sociedade Bíblica Americana em 1816. Deve haver sido, portanto, muito pequena a circulação de exemplares com os apócrifos editados pelas Sociedades Bíblicas. Por outro lado são às centenas de milhões os que circulam sem eles, em muitíssimas línguas.

É verdade que esses livros estiveram em antigas Bíblias protestantes, como a de Lutero — em alemão — no ano de 1537, a de Miles Coverdale — em inglês — de 1535, e a da rainha Valéria, de 1602. Não obstante, também

é verdade que, antes deles, Wicliffe (1324-1384) havia declarado que "qualquer livro que esteja no Velho Testamento além desses vinte e cinco (hebraicos) é pôsto entre os apócrifos, isto é, sem autoridade para a fé."

Também a Confissão Anglicana de Westminster, de 1647, declara terminantemente que os apócrifos "não serão aprovados ou usados senão como qualquer outro escrito de origem humana." (7)

Tenha-se em conta igualmente que tanto Lutero como Coverdale tiveram os livros apócrifos em seção separada. Por muitos anos e mesmo séculos, nas Bíblias de origem protestante — se bem que não sabemos se isso foi assim em todos os casos — não só estavam à parte dos livros canônicos, mas tinham o título geral de "apócrifos." Em rigor, o que fizeram as Sociedades Bíblicas, em 1827, foi voltar à pureza primitiva da igreja cristã que, até fins do século IV — sínodo de Catargo de 377 A. D. — não reconheceu esses livros como inspirados por Deus.

(1) Vejam-se em uma tradução autorizada pela igreja católica, as seguintes passagens: Judite 1:5, e observe-se o erro histórico acerca de Nabucodonosor. Eclesiástico 12:4-7, em desarmonia com o espírito do Sermão da Montanha. Baraque 1:1. Pretende-se nesse versículo que Baraque (o secretário de Jeremias) escreveu esse livro, e nele citam-se os livros de Daniel e Neemias (ou Segundo Esdras nas traduções românicas), mas esses livros foram escritos depois da época de Baraque e Jeremias. Comparem-se entre si I Macabeus 6:20 e II Macabeus 13:1. Leia-se o inverossímil suicídio de Rezas em II Macabeus 14:37-46. Há também inexactidões nas edições de Ester e Daniel, e os capítulos 13 e 14 de Daniel, ao serem lidos com atenção, revelam falhas. (Vejam-se, por exemplo, 13:45, onde Daniel aparece como "tenro jovenzinho," e compare-se com 13:65, onde se menciona a ascensão de "Ciro, rei da Pérsia" ao trono. Na verdade, a esse tempo Daniel já devia ser homem de idade muito avançada.) Em 14:32 aparece "o profeta Habacuque," que na realidade, havia morrido uns 100 anos antes dos supostos acontecimentos ali narrados. Não é verossímil supor-se que fosse outro Habacuque, pois aparece na "Judéia," e a quem ia ele admoestar como profeta na Judéia se os israelitas se achavam em cativeiro? (2) Os selêucidas são a dinastia de governantes de origem grega, sucessores de Seleuco. Exerceram poder de 312 a 69 A. C. (3) Josefo menciona 22, em vez dos 39 que figuram nas edições do Velho Testamento editados pelas Sociedades Bíblicas. A diferença deve-se ao modo de contá-los. Os doze profetas menores são computados como um só livro. Os de Samuel, Reis e Crônicas, representam apenas três livros e não seis como nas edições modernas. Esdras e Neemias são um livro só. Os livros de Rute e Juizes, figuram como uma unidade. Jeremias e Lamentações, computam-se como um só livro. Assim se obtém o número de 22. Este, por sua vez, tem um simbolismo, pois são 22 as letras do alfabeto hebraico. (4) "Cingido," diz tacitamente "cingido à verdade." (5) Há aí um erro de Ausejo. O ano 538 A. C. foi o da conquista de Babilônia efetuada por Ciro. O regresso dos judeus à terra de seus maiores, foi devido aos decretos sucessivos de Ciro, Dario e Artaxerxes — nos anos 536, 519 e 457 A. C. (6) Enciclopédia Britânica, edição de 1893, Vol. 2, pág. 183. (7) *Id.*, pág. 184.

Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a PERGUNTAS SÔBRE DOCTRINA

O Juízo Investigativo Sob o Aspecto do Conceito Arminiano

Pergunta 36 (Continuação)

IV. Provisões para Nossa Redenção

Creemos que a Bíblia ensina que ninguém precisa estar perdido para sempre em virtude da queda de Adão, pois mediante a obra redentora de Cristo foi feita provisão para que todos que aceitarem a graça de Deus possam ser libertos do pecado e reintegrados no seio da família celestial. Quando o apóstolo João escreveu de Jesus como sendo "a propiciação pelos nossos pecados," isto é, os pecados dos crentes, foi feita a declaração de que a expiação de reconciliação, ou propiciação, não o foi somente por nossos pecados, mas também pelos pecados de todo o mundo (I S. João 2:2).

O fato trágico, entretanto, é que nem todos aceitarão o sacrifício e receberão a vida eterna. Disse Jesus: *E não quereis vir a Mim para terdes vida.*" S. João 5:40. Em Seu fervente apelo disse: "Quantas vèzes quis Eu ajuntar os teus filhos . . . e tu não o quisestes." S. Mat. 23:37. E mais tarde Estêvão acusou os fariseus de serem "de dura cerviz" e sempre resistirem ao Espírito Santo (Atos 7:51). Assim, pois, à luz do testemunho bíblico podemos concluir que eles não foram *compelidos* a resistir ao Espírito Santo, mas *escolheram* fazê-lo. Concordamos com Armínio quando disse:

5. "Todas as pessoas não regeneradas possuem livre vontade e capacidade de resistir ao Espírito Santo, de rejeitar a livre graça de Deus, de desprezar o conselho de Deus em prejuízo de si mesmos, de recusar aceitar o evangelho da graça, e de não abrir a porta do coração Àquele que bate; e tudo isso eles podem na realidade fazer sem qualquer diferença dos *eleitos* e os *reprovados*." — *The Writings of James Arminius* (Baker, 1956), Vol. 2, pág. 497.

O apóstolo Pedro, falando da longanimidade de nosso Senhor, declarou que Ele não deseja que alguém se perca, "mas que todos venham ao arrependimento." II S. Ped. 3:9. Esta mensagem não é restrita ao Nôvo Testamento, mas é igualmente real no Velho Testamento. "Vivo Eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se arrependa de seu mau cami-

nho, e viva." Ezeq. 33:11. Mas quando o ímpio se arrepende se converte de seu caminho ímpio, por êsse próprio ato torna-se filho de Deus e coloca-se onde o Espírito de Deus pode levá-lo a fazer a vontade de Deus. "Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus êsses são filhos de Deus." Rom. 8:14.

É importante sabermos "qual seja a vontade do Senhor." Efés. 5:17. Escrevendo aos tessalonicenses Paulo disse: "Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação." I Tess. 4:3. O evangelho de Cristo representa boas novas, dizendo como Deus pode tomar uma alma perdida, alguém que por natureza é Seu inimigo, e depois de perdoar-lhe os pecados pode mudar-lhe a vida, de maneira que não somente seja purificada de toda contaminação, mas pelo crescimento na graça seja conforme a imagem de seu Senhor.

V. A Graça Divina Tanto Justifica como Santifica

Justificação é a primeira obra da graça. A continuidade da obra da graça na vida é santificação. Alguns que começam a andar no caminho de Deus e se rejubilam ao pensamento de que são justificados, deixam de apropriar-se do imanente poder de Cristo pelo qual a pessoa pode ser santificada. O resultado é que no final são encontrados indignos. Esta a razão por que o apóstolo disse: "Examinai-vos a vós mesmos, se permanecéis na fé; provai-vos a vós mesmos. Ou não sabeis quanto a vós mesmos, que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados." II Cor. 13:5. Jesus disse: "Nem todo o que Me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de Meu Pai que está no Céu." S. Mat. 7:21.

A graça de Deus é dada ao crente a fim de que êle possa pôr de lado cada embaraço, e o pecado que tão de perto o rodeia (Heb. 12:1), e assim possa prosseguir com paciência na carreira da fé que está diante dêle. O poder do Espírito Santo capacita-o a obter a vitória sôbre o pecado agora, e a viver uma vida in-

teiramente consagrada a Deus. "Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo a salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando ao pecado e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente." Tito 2:11 e 12. Pela graça somos justificados, e pela mesma graça somos "povo peculiar, zeloso de boas obras." Tito 2:14. E mediante a permanência do Espírito Santo na vida, somos formados à imagem d'Aquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz. De nôvo citamos Armínio:

"É a graça que opera na mente, nas afeições, na vontade; que infunde bons pensamentos à mente, inspira bons desejos às afeições e faz a vontade inclinar-se no sentido da execução d'esses bons pensamentos e bons desejos. . . . Ela desvia as tentações, assiste e socorre em meio às tentações, sustém o homem contra a carne, o mundo e Satanás, e neste grande conflito garante ao homem o desfruto da vitória. . . . Esta graça dá início à salvação, promove-a, e aperfeiçoa-a e consuma-a." — *The Writings of James Arminius*, Vol. 2, págs. 472 e 473.

Quando Cristo está vivendo no coração de alguém que é um verdadeiro cidadão do reino de Deus, isto se tornará fartamente evidente, pois cada um de seus atos e palavras estarão sob o controle do Espírito Santo. Isto é o que o Senhor espera de Seu povo, pois "aquêle que diz que está n'Ele, também deve andar como Ele andou." I S. João 2:6. O grande apóstolo diz: "Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai n'Ele." Col. 2:6.

João Wesley expressa de maneira muito elegante êste pensamento num de seus sermões:

"Pela justificação somos salvos da culpa do pecado, e reintegrados no favor de Deus; pela santificação somos salvos do poder e da raiz do pecado e restaurados segundo a imagem de Deus." — *Sermons: On Working Out Our Own Salvation*.

Então, falando de nosso amor a Deus, êle diz:

"Esse amor aumenta mais e mais, até crescermos em tudo n'Aquele que é a cabeça, até alcançarmos a estatura perfeita de Cristo Jesus." — *Ibidem*.

Com efeito, na compreensão de Wesley, crescer na graça não era meramente um privilégio, mas um requisito absoluto para a retenção da "grande salvação."

VI. Uma Vez Salvo, o Homem Pode Ainda Apostatar

Jesus disse: "Aquêle que perseverar até o fim, será salvo." S. Mat. 10:22. Ver também S. Mat. 24:13; S. Mar. 13:13. Não somente deve haver um início da vida cristã, mas deve haver também uma continuidade na Palavra de Deus.

Da maneira como o compreendemos, dois caminhos se abrem aos homens: (1) "Aos que, com perseverança em fazer o bem, procuram glória, e honra e incorrupção" (Rom. 2:7), Deus garante a vida eterna, o "dom gratuito de Deus" (Rom. 6:23), mas "aos que são contenciosos, e desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade" (Rom. 2:8), Deus fará sujeitos à "indignação e à ira."

A salvação é livremente oferecida a todos os homens, mas êles só a recebem pela aceitação de Cristo Jesus como o Senhor. E havendo-a recebido, devem prosseguir "em conhecer ao Senhor." Oséias 6:3. Isto recebe freqüente ênfase pelos vários "se" em muitos textos. Exemplo: "Mas Cristo, como Filho sôbre a Sua própria casa, a qual casa somos nós, se tão-sômente conservarmos firme a confiança e a glória da esperança até o fim" (Heb. 3:6); "Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até o fim." (Verso 14); "Jesus dizia pois aos judeus que criam n'Ele: Se vós permanecerdes em Minhas palavras, verdadeiramente sereis Meus discípulos." (S. João 8:31); "Se vós estiverdes em Mim, e as Minhas palavras estiverem em vós, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito" (S. João 15:7); "Se guardardes os Meus mandamentos permanecereis em Meu amor, assim como Eu tenho guardado os mandamentos de Meu Pai, e permaneço no Seu amor" (verso 10). A nós nos parece claro, portanto, que o homem, uma vez salvo, pode ainda voltar para o mundo.

Se não é assim, há vários textos difíceis de serem compreendidos e de se harmonizarem com o ensino geral da Bíblia.

Há assim o texto: "Antes subjuogo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado." I Cor. 9:27. A expressão "reprovado" aí é do grego *adokimos*, cuja exata tradução é "rejeitado" (Heb. 6:8).

Assim comenta Matthew Henry I Cor. 9:27: "Um pregador da salvação pode ainda perder-se. Êle pode conduzir outros ao caminho do Céu e êle mesmo não lograr entrar ali. Para evitar isto, Paulo sofreu tantas dores em subjugar suas inclinações corporais, não acontecesse que êle mesmo, que havia pregado a outros, perdesse a coroa, fôsse desaprovado e rejeitado pelo soberano Juiz. Um santo temor por si mesmo foi necessário para preservar a fidelidade de um apóstolo; e quanto mais necessário o é para nossa preservação! Notai, santo temor por nós mesmos, e não presunçosa confiança, é a melhor garantia contra o afastar-se de Deus com final rejeição por Êle."

Outro texto que precisa ser considerado é Hebreus 10:28 e 29: "Quebrantando alguém a lei de Moisés, morre sem misericórdia, só

pela palavra de duas ou três testemunhas. De quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquêle que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do testamento, com que foi santificado, e fizer agravo ao Espírito da graça?"

Sobre isto o deão Henry Alford comenta com propriedade:

"Existe apenas Um verdadeiro sacrifício pelos pecados: Se um homem, havendo-se beneficiado dêsse sacrifício, lança-o então deliberadamente para trás de si, não há um segundo sacrifício deixado para êle. Deve observar-se que uma coisa não é, nem precisa ser, especificada nesse texto: que êle tenha exaurido a virtude dêsse Único sacrifício; isto não é dito. Mas em proporção à sua voluntária rejeição dêle, êle cessou de operar em seu favor. Tal pessoa, com efeito, fechou a porta do arrependimento atrás de si, pelo próprio fato de estar num permanente estado de disposição de pecar. E isto é tornado ainda mais expressivo quando... a cena da ação é transferida para o grande dia da volta do Senhor, e êle é achado irremediavelmente nesse estado impenitente." — *The Great Testament* (1875), pág. 707.

Um texto mais — Ezequiel 18:20-24: "A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho. A justiça do justo ficará sobre êle, e a impiedade do ímpio cairá sobre êle. Mas se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os Meus estatutos, e fizer juízo e justiça, certamente viverá; não morrerá. De tôdas as suas transgressões que cometeu não haverá lembrança contra êle; pela sua justiça que praticou, viverá. Desejaria Eu, de qualquer maneira, a morte do ímpio? diz o Senhor Jeová; não desejo antes que se converta dos seus caminhos, e viva? Mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, fazendo conforme tôdas as abominações que faz o ímpio, porventura viverá? De tôdas as suas justiças que tiver feito não se fará memória; na sua transgressão com que transgrediu, e no seu pecado com que pecou, nêles morrerá."

Nestes versos dois homens são trazidos à cena. Um, o ímpio que se converte de seus pecados e torna-se obediente a Deus. Êle é perdoado; e se andar nos caminhos da justiça, nenhum de seus anteriores pecados será trazido à memória contra êle. O outro, um justo que se desvia dos caminhos de sua justiça, e volta ao pecado. Se êle continua em iniquidade, nenhuma de suas manifestações anteriores de bondade será lembrada. Êle perde tôdas as bênçãos da salvação e vai para a morte.

O Dr. H. A. Redpath (*The Westminster Commentaries*, sobre Ezeq. 18:24), diz:

"Tôda a sua (do justo) justiça anterior deixará de ser contada: êle morrerá em seus pecados... Se, depois de haver escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, êles de nôvo se deixarem prender nelas e forem vencidos, seu derradeiro estado é pior do que o primeiro."

Guardai-vos dos Maus Obreiros

(Continuação da pág. 3)

preparo de seus sermões que o meditar em sua missão de pastor. Cristo foi o Mestre por excelência, mas sobretudo foi o bom Pastor, e o pastor que se dedica fielmente ao dever jamais permitirá que o seu rebanho sofra por carência alimentar.

Não constitui violência à verdade a afirmação de que as igrejas conduzidas por "maus obreiros," são constituídas por adoradores dêbeis e subnutridos.

Os "maus obreiros" contemporâneos são também aquêles que, animados por um espírito sedicioso e parcial, dividem as igrejas em grupos antagônicos, trazendo à causa consequências irreparáveis. Êles ignoram a beleza do companheirismo e cooperação cristãs. Não se empenham em remover as diferenças de opiniões que, com freqüência, suscitam controvérsias e divisões; não se esforçam em promover a harmonia, a unidade e cooperação entre os membros. São incapazes de somar as forças existentes na igreja, e conduzi-las como um regimento unido na luta contra os poderes do mal.

Por isso mui apropriadamente, são êles cifrados como "maus obreiros."

Nenhum outro pecado trouxe às fileiras do ministério resultados mais nefastos e consequências mais perniciosas do que o amor desonesto aos cargos de importância, influência e poder. A história eclesiástica nos diz que quando na Idade Média, os ministros da igreja formaram a hierarquia, reduziram os leigos a meros espectadores, sem voz e sem ascendência nos assuntos eclesiásticos. Revestidos de um crescente poder, chegaram ao despotismo mais intolerável que o mundo jamais conheceu.

É preciso que se diga que o vírus do poder ainda circula através da corrente sanguínea do ser humano, e por isso, alguns, arrastados pela tentação, deixam-se empolgar pelo desejo imoderado de alcançar posições, domínio e poder.

Sim, ainda é válida a exortação paulina: "Guardai-vos dos maus obreiros." Êstes, no afã por conseguir posições, com freqüência, sem nenhum escrúpulo, perturbam e tumultuam os trabalhos conduzidos com oração nas assembleias bienais e quadrienais. Estimulados por ambições mesquinhas e desejos inconfessáveis, valem-se muitas vezes de métodos e procedimentos censuráveis, tendo como objetivo a materialização de sonhos acariciados por um coração não santificado.

Êstes que assim procedem, por sua influência perniciososa, são "pedras de tropeço" para os dêbeis na fé, "manchas" na igreja de Cristo e "opróbrio" no seio do ministério constituído.

ENOQUE DE OLIVEIRA

A "Inefável" Bomba . . .

(Continuação da pág. 10)

O monólogo seguiu por esse diapasão, por muito tempo ainda. Lembrou-se afinal, para grande alívio seu, de ter ouvido um pastor amigo dizer-lhe que, certa vez, incumbido de fazer um sermão de muita responsabilidade, perguntara a sua mãe, uma santa velhinha, muito velhinha:

— Mamãe, que devo pregar?

— Pregue a Jesus! foi a pronta resposta da anciã.

E ao preparar o sermão, o pastor lembrara-se de uma ilustração que lera, segundo a qual alguns membros de uma congregação, cansados dos sermões muito eruditos que seu pastor lhes pregava, um dia deixaram sobre o púlpito um bilhete, contendo a indicação de um texto bíblico: S. João 12:21. Em casa, o pastor, consultando a Bíblia, leu: "Queríamos ver a Jesus!" Compreendeu a delicada exprobração, e mudou o rumo de suas mensagens. Em vez de erudição, passou a pregar mais direta e simplesmente a Jesus. Algum tempo depois viu outro bilhete sobre o púlpito, dizendo apenas: "S. João 20:20." e leu na Bíblia: "Os discípulos alegraram-se, vendo o Senhor."

A esta altura, João Silva viu a treva interior iluminada por um tênue clarão de esperança: lembrou-se de ter ouvido um ministro dizer que a Associação Geral, de uns tempos para cá, vinha recomendando que nossos pastores pregassem um evangelho mais cristocêntrico; pregassem a Lei, sim, mas Cristo no centro da Lei; exaltassem a Lei como demonstração do amor de Deus, e não do terror — como proteção e não restrição; pregassem, enfim, mais o evangelho do amor, que outro não pode ser o evangelho de Jesus Cristo, e o evangelho da própria lei!

João Silva, agora já embalado por este pensamento de esperança, adormeceu afinal, sonhando com um futuro de mais conversões: igrejas transbordantes, não só de gente humilde, mas também da flor da intelectualidade, cultura e posição social; batismos às centenas e aos milhares; pastores alegres e animosos; crentes otimistas e ativos, ansiosos por cooperar na conquista de almas — sempre pelo amor e nunca pelo temor!

E ao acordar de manhãzinha, surpreendeu-se ao ouvir sua própria voz, exclamando alto e bom som: "Que os anjos digam: Amém! Amém e Amém!"



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Diretor — Enoch de Oliveira
Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Carlos A. Trezza

Colaboradores especiais:
R. A. Wilcox e A. E. Schmidt

Assinatura Anual US \$ 3,00
Número Avulso US \$ 0,50

Ano 35

N.º 8

NESTE NÚMERO

CAPA: © A. Devaney

EDITORIAL

GUARDAI VOS DOS MAUS OBREIROS Enoch de Oliveira	3
UM MINISTÉRIO À ALTURA DAS NECESSIDADES HUMANAS E. Stanley Chace	4
O PROGRAMA PLANEJADO DO PASTOR O. M. Berg	7
COMO GARANTIR DECISÕES J. L. Shuler	8
A "INEFÁVEL" BOMBA ATÔMICA Luís Waldvogel	10
ALGUMAS IDÉIAS PARA TRABALHO PRODUTIVO José Tabuenca	11
ESTUDOS SOBRE OS APÓCRIFOS Vitor Ampuero Matta	13
PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA O JUÍZO INVESTIGATIVO SOB O ASPECTO DO CONCEITO ARMINIANO	17